

**O EU, (DO POETA) POÉTICO:** a paixão e o amor na vida e na poética de Vinicius de Moraes

**EL EU, (DEL POETA) POÉTICO:** la pasión y el amor en la vida y la poesía de Vinicius de Moraes

Mércia Suyla Sousa Nunes<sup>1</sup>

[merciapbis@hotmail.com](mailto:merciapbis@hotmail.com)

Edmilson Rodrigues<sup>2</sup>

[em.rodrigues@ufma.br](mailto:em.rodrigues@ufma.br)

**RESUMO:** Neste trabalho, apresentaremos os dados da pesquisa, na qual buscamos verificar na poética de Vinicius de Moraes, por meio de dois sonetos (*soneto de devoção, e soneto de amor total*), a paixão e o amor expresso nestes poemas para refletirmos acerca das semelhanças e das divergências destes sentimentos na vida e na obra deste poeta. Realizamos o trabalho em duas etapas: i) revisão bibliográfica, de modo a termos uma compreensão acerca do objeto pesquisado ii) análise dos sonetos selecionados. A pesquisa respalda-se nos postulados de Marconi e Lakatos (2003), Silva (2010), Matos (1997 apud Silva 2010), Elias José (2003) Ferraz (2009), Moises (1928) dentre outros documentos. Verificamos que “eu” do universo dos poemas de Vinicius apesar de ser um reflexo do “eu do poeta”, que expressa a paixão e o amor do poeta é um ser que seu consciente gostaria de ser, mas os defeitos de Vinicius e seu contexto lhe impedia. Neste sentido, se na vida real este escritor vivia vários amores para se manter apaixonado, no universo de seus poemas é expresso uma paixão e um amor pela figura da mulher que não se acaba nem com o tempo e nem com as novas histórias de amor.

**Palavras-chave:** Vinicius de Moraes. Poética. Amor . Paixão.

**RESUMEN:** En este trabajo, se presentan los datos de la encuesta, en el que buscamos para verificar la poesía de Vinicius de Moraes, a través de dos sonetos (*soneto devoción y soneto total del amor*), la pasión y el amor que se expresa en estos poemas para reflexionar sobre las similitudes y las diferencias de estos sentimientos en la vida y obra de este poeta. Hacer el trabajo en dos etapas: i) revisión de la literatura con el fin de tener una comprensión del objeto ii) el análisis de los sonetos seleccionados investigado. La investigación se basa en los postulados de Marconi y Lakatos (2003), Silva (2010), Matos (1997 apud Silva 2010) José Elias (2003) Ferraz (2009), entre otros documentos. Nos encontramos con que "I" del universo de poemas Vinicius a pesar de ser un reflejo del "yo del poeta", que expresa la pasión y el poeta del amor es un ser que su conciencia le gustaría ser, pero Vinicius defectos y su contexto le impidió. En este sentido, en la vida real este escritor vivió varios amores a permanecer en el amor, en el universo de sus poemas se expresa una pasión y amor por la figura de la mujer que no termina ni el tiempo, ni con nuevas historias de amor

**Palabras-Clave:** Vinicius de Moraes. Poética. El amor y la pasión

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão-UFMA Campus São Bernardo.

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (2001). Tem experiência no ensino superior pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, nos cursos de Letras, com ênfase em Língua e Literatura espanhola, teoria literária, leitura e produção de texto. Professor da Universidade Federal do Maranhão - UFMA do Curso de Linguagem e Códigos, em São Bernardo MA, e do Programa Especial de Formação de Professores para Educação Básica/PROEB-UFMA; professor Especialista em perspectivas críticas da literatura brasileira contemporânea - UFMA; especialista em metodologia do ensino superior - UFMA, mestre em Políticas Públicas pela UFMA, Doutorando em Letras, literatura, intermedialidade e tradução - UFF-Niterói.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste tópico preocupamo-nos em apresentar o objeto de estudo, bem como demonstrar caminhos que traçamos, quanto ao desenvolvimento do trabalho em questão. Pois, compreendemos que falar de Vinicius de Moraes é algo muito profundo, visto que muito já se falou e ainda se fala sobre este escritor. O que teceremos a partir do parágrafo seguinte.

O homem em sua inerente natureza incompleta, busca sentidos para seus subjetivos sentimentos, visto que estes, muitas vezes, parecerem incompreensíveis, e neste contexto, a arte e suas possibilidades, como a poesia, permite um escape para revelar, inclusive, aquilo que revela o poeta Fernando Pessoa, “o poeta é um fingidor.”, desta forma, fingir, e sentir intensamente tudo aquilo que não sentira, ou que verdadeiramente sente, tanto para quem escreve, quanto para quem lê, como dizia o poeta Fernando Pessoa no texto acima citado<sup>3</sup>.

Cada poeta tem sua personalidade e seu estilo, uns buscam afogar uma melancolia, supostamente contínua, que se revela, em boa parte, nos textos poéticos, como no caso do autor escolhido para este artigo; outros materializam no poema amores e paixões impossíveis; existem, ainda, os que simplesmente encontram poesia em tudo, e há aqueles que buscam a arte pela arte, uma espécie de fuga da possível realidade; e nessa metalinguagem, entre a vida e arte, desvendam este mundo rico e múltiplo de significados chamado poesia.

Dentre os poetas brasileiros que inspiram e respiram a poesia, buscamos analisar e descrever a poética de um autor que é conhecido como “poetinha”. Pseudônimo que ele cultivava, por influência de sua estatura e, talvez, o que não podemos comprovar, em contradição ao “poeta maior” que foi Manuel Bandeira.

É notório que os diminutivos, “poetinha”, “poeta menor”, são formas carinhosas que os poetas adquirem, tanto do seu grupo de amigos, quanto por parte de seus leitores. O poeta Vinicius de Moraes, tinha no diminutivo, poetinha, uma confirmação de reconhecimento sua, ante o chamado dos amigos.

Vinicius de Moraes, poeta, diplomata, cronista, cancionista, foi intelectual de muitas facetas. Ele olhava atento as realidades e conseguia transcrever as diferentes emoções por meio de suas belas palavras. Sua principal composição é o soneto, que aparece com as mesmas características do soneto português.

---

<sup>3</sup> Fernando Antônio Nogueira Pessoa, foi um poeta, escritor, astrólogo, crítico e tradutor português, é apaixonado ocultismo, filosofia, por estudos de psiquiatria e psicanálise, autodidata de grande erudição.

Vinicius de Moraes, escritor modernista, ainda que preso aos padrões do soneto clássico, sua produção literária reflete uma modernidade inserida pelo viés das temáticas do modernismo brasileiro, do qual ele fez parte. Podemos aqui ilustrar com a poesia moderna, pelo viés do diálogo com a Bíblia, que é o texto *Operário em Construção*. Vinicius de Moraes foi uma das figuras mais marcante do cenário da Música Popular Brasileira, integrante do Movimento da Bossa Nova e, também, um dos principais percussores.

Ele usa a poesia como a razão de sua existência, com o objetivo de tornar a vida mais pura e mais bela aos seus leitores. Sua poesia além de proporcionar o consolo afetivo dos leitores, pelo viés das imagens e suas metáforas que traduzem amor, beleza e sedução, principalmente do corpo feminino; proporciona, ainda, um prazer explicado somente no momento da leitura em algumas temos os enigmas da dor e da angústia, que emana de todo ser feminino, estão presentes em suas poesias.

Segundo Silva, (2010, p 30), nas poesias do poeta encontramos, um eu-lírico cheio de amor pelas coisas da vida, sempre contemplativo da natureza, do corpo e dos detalhes que induzem o ser feminino como objeto de desejo e defloração carnal. Nesta possibilidade, o eu-lírico, ama principalmente, as mulheres, de suas condições sociais e conveniências, a ponto de amar tanto as castas quanto as impuras, tendo-as como fonte de inspiração, refletindo em suas obras um amor profundo e imenso o que fez ganhar a alcunha de “o poeta da paixão”, despertando uma mistura de sentimentos que o levavam para o mundo surreal, marcado por uma textualidade que o deixava à procura insaciável pelo amor sempre renovado.

Se nos poemas Vinicius de Moraes inspirava paixão, em sua vida pessoal ele buscava está constantemente no seu estado de inspiração, apaixonado. E nesta busca deve diversos encontros e desencontros, mas como próprio escritor dizia [...]a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida ]. De encontro e desencontros este escritor casou nove vezes.

Segundo Valeková (2010), o primeiro casamento foi por procuração com Beatriz Azevedo de Melo. Ficaram juntos 11 anos e tiveram dois filhos, Suzana e Pedro. Ainda casado com Beatriz, casa-se secretamente com Regina Pederneiras apesar deste acontecimento sua primeira esposa ao descobrir perdoa o marido. Lila Bôscoli seu terceiro casamento lhe proporcionou uma relação de sete anos na qual nasceram Georgiana e Luciana. Maria Lúcia Proença separou-se do marido para ser a quarta esposa de Vinicius. Nelita de Abreu no alto de seus 18 anos não pensou duas vezes em trocar o namorado por Vinicius e se casou com ele. Cristina Gurjão, a sexta esposa teve a quinta e última filha do poeta, a Maria. Gesse Gessy 26 anos mais nova que Vinicius fugiu com ele para Bahia para viver a paixão. Marta Regina

Santamaria só ficou junto com “poetinha” por dois anos. Gilda de Queirós Mattoso a produtora cultural foi à última esposa deste escritor, ela era 40 anos mais jovem, e Vinicius de Moraes apresentava-a para seus amigos como sua viúva, e assim se concretizou

A necessidade de viver um estado da paixão em um estado surreal e o medo frente aos laços profundos do amor, foram sentimentos que sempre fizeram parte da vida do poeta. Vinicius é um poeta que se aproxima da vida cotidiana e da naturalidade dentro da poesia com uma perfeição formal e um rigor na forma, revelando um outro lado do poeta que é, como os demais leitores da sensibilidade humana.

A respeito desse trabalho, o que objetivamos não foi somente falar do autor, poeta e escritor idealizado, mas principalmente proporcionar um olhar acerca da paixão e do amor de Vinicius, do sujeito inserido numa sociedade, e do “sujeito” que fala nos seus poemas.

Em síntese, a pesquisa buscou verificar na poética de Vinicius de Moraes por meio de dois sonetos, *soneto de devoção*, e *soneto de amor total*, a paixão e o amor expresso nestes poemas, para refletirmos acerca das semelhanças e das divergências destes sentimentos na vida e na obra deste poeta. Para tanto, delimitamos alguns objetivos específicos, os quais nortearam o processo metodológico das etapas desta pesquisa: conhecer a vida e a obra deste escritor; revisar a literatura da área; analisar os poemas selecionados.

Para isso, adotamos a pesquisa de cunho bibliográfico com base nos aportes de Marconi e Lakatos (2003) que descreve este tipo de pesquisa como levantamento da bibliografia já publicada, seja em livros, revistas, e outras publicações avulsas impressas. O que permite ao pesquisador um contato direto com os materiais escritos acerca do tema pesquisado, proporcionando um auxílio para as análises da pesquisa e ou para as manipulações das informações na mesma.

Utilizamos também os fundamentos teóricos de Moisés (1928), Silva (2010), Antônio Candido (1998), Matos (1997 apud Silva 2010), Elias José (2003), Ferraz (2009) e outras pesquisas como base para o arcabouço desta pesquisa.

O corpus deste trabalho está dividido em tópicos, no segundo apresentaremos outros informes acerca da vida do escritor Vinicius de Moraes importante para entendermos sua poética, no terceiro abordaremos as considerações acerca do universo poético, no quarto tópico apresentaremos uma análise de duas poesias, pertencentes no livro de Sonetos do ano, 1967, *Soneto de devoção* e *Soneto de amor total*. Justificamos a escolha destes poemas por serem uns dos sonetos mais conhecidos de Vinicius e por serem exemplos que sintetizam a poesia deste poeta carregada de paixão, erotismo, amor, e devoção à mulher. E por fim as considerações, as reflexões realizadas pela pesquisadora.

No tópico seguinte teceremos algumas considerações sobre o escritor Vinicius de Moraes.

## 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O POETA VINICIUS DE MORAES

O poeta e cronista brasileiro Marcus Vinicius da Cruz e Melo Moraes, conhecido como Vinicius de Moraes, nasceu em 19 de outubro de 1913, no Rio de Janeiro filho de Lydia Cruz de Moraes e Clodoaldo Pereira da Silva Moraes. O poeta também trabalhava como funcionário, mas não deixava de escrever seus versos e tocar sua viola (MORAES,1957).

Desde cedo Vinicius teve a possibilidade de desenvolver seu talento para a música quanto para a escrita. Não só os pais do poeta, mas também os avós e os tios o influenciaram e deram a base para sua futura carreira. Ele era o segundo dos quatro irmãos dentre eles foi o escolhido a ter a melhor formação possível. Os pais de Vinicius sempre deram grande importância para educação do filho, sempre com rigidez. Em 1930 o poeta ingressou na faculdade de Direito na Universidade do Rio de Janeiro, porém direito não foi sua grande inspiração como a de estudante. Este momento foi de grande relevância, momento em que o poeta encontrou com pessoas importantes que o ajudaram a seguir sua carreira literária, assim como o caminho da boemia que acompanhou ao longo de sua existência, tendo contribuído para a criação de muitas dessas produções literárias.

Durante sua vida como poeta, trabalhou grande parte dela com a música, mas isso não significou dizer que foi deixando de lado a poesia. Pelo contrário, na obra viniciano houve uma simbiose entre a música e a poesia. Ele tornou-se como ele diz *o branco mais preto do Brasil* seu grande exemplo foi Alfredo da Rocha Viana Filho<sup>4</sup>, chamado Pixinguinha, um grande músico negro brasileiro. O poeta colaborou com um grande número de artista e compôs diversas canções, mas não se esqueceu da sua grande paixão do cinema e nem de escrever crônicas, sendo esta uma outra área de referência do escritor.

De acordo com o próprio poeta, Vinicius de Moraes, em uma de suas Antologias Poética<sup>5</sup> a sua obra pode ser classificada em duas fases.

A primeira fase do escritor conhecida como a fase transcendental, da poesia metafísica ou —poesia espiritualista pois é resultante de sua educação cristã, em outras

---

<sup>4</sup> Alfredo Rocha Viana Filho (Pixinguinha) foi compositor, arranjador, flautista e saxofonista brasileiro. É considerado um dos mais importantes compositores da MPB (Música Popular Brasileira).

<sup>5</sup> Análise de obras literárias em antologia poética de Vinicius de Moraes

palavras, é uma fase de profundo misticismo<sup>6</sup> e, portanto, marcada pela preocupação religiosa, pela angústia existencial diante da condição humana e pelo desejo de superar o pecado e a culpa, inerentes ao homem, pela via da transcendência mística.

De uma maneira mais ampla os poemas do escritor, deste período são longos e se apresentam com uma linguagem abstrata. Esta fase inicia-se com a obra *O caminho para a distância* (1933) e se finaliza com a obra *Ariana, a mulher* (1936). A seguir discorreremos a segunda fase do escritor Vinicius de Moraes

A segunda fase do escritor caracterizou-se pela escrita de uma poesia social, de acordo com o próprio Vinicius em sua obra *Antologia Poética* esta fase há grande aproximação com o mundo real. É quando o poeta passa a se interessar por temas cotidianos, por uma abordagem mais simples da vida e mais sensual dos temas que versam sobre o amor e a mulher. A linguagem empregada pelo poeta se transforma, tendendo mais a simplicidade com a utilização de versos livres para uma comunicação mais direta e mais dinâmica com o leitor. Pois apesar de sua poesia possuir características clássicas e a predileção<sup>7</sup> de tema quanto ao soneto, sua proposta na poética aproxima da predileção dos modernistas no período de 1922.

Diante disso, dividir a obra de Vinicius de Moraes não é apenas uma forma de contemplar as questões éticas e estéticas que caracterizam o erudito e o popular em sua obra, mas perceber as diferenças que há nos discursos construídos que levaram a crítica a dividir a obra e sobretudo, pensar nas condições que possibilitaram ao poeta transitar entre os dois lados opostos.

Algumas obras de poesia de Vinicius de Moraes: *O caminho para distância*, (1933) *Forma e Exegese*, (1936) ”; *Novos poemas*, (1938); *Cinco Elegias*, (1943); *Poemas, Sonetos e Baladas*, (1946); *Pátria Minha*, (1949); *Livros de Sonetos*, (1967) *O Mergulhador*, (1965); *A Arca de Noé*, (1970).

Em um contexto histórico, Vinicius estava entre a geração de 22 tendo como parâmetros literários que objetivaram a nova criação da linguagem com sua experimentação e a geração de 30, que conceitualmente soube elaborar um novo estilo de prosa, tendo como exemplo: Jorge Amado, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, e claro, o próprio escritor Vinicius de Moraes.

---

<sup>6</sup> Segundo dicionário brasileiro devoção contemplativa; crença religiosa ou filosófica que admite a comunicação oculta entre o homem e a divindade; tendência para acreditar no sobrenatural.

<sup>7</sup> Predileção preferência de afeição, de amizade, de gosto, afeição extremosa, simpatia (dicionário brasileiro)

Em 1972, Vinicius gravou dois discos na Itália com o seu outro grande companheiro Toquinho<sup>8</sup>. Escreveu diversos livros, e nas músicas teve muitos parceiros conheceu várias pessoas. O poeta morreu no dia 09 de julho de 1980 em seu apartamento no Rio de Janeiro.

Estas são algumas informações sobre a vida de Vinicius de Moraes cujo objetivo era recordar sobre os principais fatos de sua vida para perceber melhores a relevância de alguns momentos dessa vida tão repleta desse grande poeta e músico brasileiro.

No tópico seguinte discorreremos acerca de alguns escritores poetas que admiravam Vinicius de Moraes como escritor poeta, e músico sobretudo, amante da arte chamada poesia.

## 2.1 Vinicius de Moraes em outras palavras

A evolução poética de Vinicius durante a vida de sua obra conquistou diversos admiradores de várias áreas, inclusive de outros poetas e escritores, que viram na poesia de Vinicius, o construir do estilo de um “eu poeta” que dialogava com o clássico e o popular do cotidiano numa linguagem sofisticada, mas acessível a qualquer leitor, seja de poesia ou não.

Dentre esses poetas que admiravam a obra de Vinicius estão: Otávio de Faria,<sup>9</sup> um crítico e romancista o qual se tornou seu primeiro mestre. Outro poeta importante na vida dele foi Ferreira Gullar que explica em suas falas.

Jose Ribamar Ferreira, o Ferreira Gullar, escritor, poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista, e ensaísta brasileiro e um dos fundadores do neoconcretismo é outro grande admirador do “poetinha”. Acerca deste poeta, o qual foi conhecido também pelos diminutivos que eram atribuídos como forma de carinho, aquele poeta disse em uma entrevista<sup>10</sup> que: “O Vinicius começa fazendo poesia francesa quer dizer inspirando daquele catolicismo francês influenciado pelo grupo católico aqui do Brasil. Mas isto não é ele; então pouco a pouco ele vai se convertendo a Vinicius de Moraes vai virando brasileiro”

Percebemos nas palavras de Gullar que a poesia de Vinicius de Moraes começou a ser “poesia de Vinicius” a medida que este se desprendia da religiosidade católica do Brasil daquela época, dessa forma torna-se aos poucos brasileiro pela escolha e motivos de suas poesias.

---

<sup>8</sup> Antônio Pecci Filho (Toquinho), é um cantor, compositor e Violinista brasileiro.

<sup>9</sup> Otávio de Faria, amigo e crítico da fase inicial de Vinicius de Moraes, vê o poeta, de uma forma geral, como um ser que sofre, pois, seu destino é sofrer e sua poesia nada mais é que o resultado deste sentimento.

<sup>10</sup> Entrevista fornecida para documentário Vinicius 2005, que mostra a vida, obra, família, os amigos e amores, apresenta também a essência criativa do artista e filósofo do cotidiano e as transformações do Rio de Janeiro, por meio de raras imagens de arquivo, e interpretação de muitos de seus clássicos. .

Outro admirador da forma como Vinícius escrevia é o escritor Antônio Candido,<sup>11</sup> o qual dizia que:

Vinicius é um homem apegado a métrica, é um homem apegado a rima é um apegado as formas poéticas tradicionais como o soneto e a ode. Portanto é um poeta que está inserido na tradição, mas este poeta inserido na tradição exatamente por causa dos grandes recursos formais técnico que ele tem, ele se aproximou mais do que nenhum outro daquilo que os modernistas queriam que a vida cotidiana, que é a destruição do tema poético nobre que é a frase coloquial. Ninguém chegou mais perto de Vinicius na naturalidade, ninguém chegou mais perto da vida cotidiana, do prosaico, no entanto, dentro da poesia da continuidade e da perfeição formal. (FARIA,2005)

Conforme a citação anterior o autor escritor Vinícius de Moraes em seus poemas utilizava muito a métrica, sendo estas as formas tradicionais como opção de sua escrita isso sendo a mais importante característica que simboliza o escritor do modernismo, frases coloquiais, as teorias da época fizeram visto que há ainda algum autor para chegar nesta naturalidade dentro da linguagem poética como Vinicius de Moraes.

Carlos Drummond de Andrade, um poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos, inclusive pelos próprios escritores, como o mais influente poeta brasileiro do século XX, e um dos principais poetas da segunda geração do Modernismo brasileiro. Considerava Vinicius de Moraes (referindo-se a este na sua segunda fase) um poeta brasileiro que vivia na literatura e literalmente na sua vida a poesia *in nature*, uma inspiração contínua proporcionada pelo amor incontestável pelo fogo da paixão, pois Vinicius era uma pessoa apaixonada, simplesmente. Por isso, que Drummond dizia: “eu queria ter sido Vinicius de Moraes”.

Mário de Andrade<sup>12</sup>, poeta modernista, considerado pelos escritores de sua época um artista de rara sensibilidade, referia-se à esta segunda fase de Vinicius como uma evolução da poesia deste poeta, que desenraizava da temática metafísica e começara a contemplar uma poesia inspirada no cotidiano. Conforme Hibarino (2004) Mário de Andrade acreditava que a poesia era o resultado de lirismo puro, crítica a poesia convencional, sem grandes inovações ou contribuições para a literatura. Segundo ele O “perigo” do qual fala Mário de Andrade e do qual Vinicius conseguiu escapar é o caminho escolhido por vários poetas católicos do período: a

---

<sup>11</sup> Antônio Candido de Mello e Souza é um sociólogo, literato e professor universitário brasileiro. Estudioso da literatura brasileira e estrangeira, possui uma obra crítica extensa, respeitada nas principais universidades do Brasil.

<sup>12</sup> Mario de Andrade um poeta de rara sensibilidade, motivado pela primeira Guerra Mundial modernista em sua obra preocupa-se com as técnicas vanguardistas.

eloquência, a negação da “poesia do pequeno e do chão” e o uso abusivo do versículo claudeliano<sup>13</sup> ou bíblico, nomeado de “a lenga-lenga das compridezas”

Ao situarmos Vinicius de Moraes no cenário da literatura brasileira, no seu estado poético mais admirado, vemos na prosa um cronista com uma visão peculiar do cotidiano, um dramaturgo notável, a exemplo, o Orfeu da Conceição<sup>14</sup>. E na poesia um sonetólogo que tematizava na sua poesia o sentimento de subordinação pelo desejo-admiração- paixão pela figura da (s) mulher (s) amada (s).

### 3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO UNIVERSO POÉTICO

[...]  
*Nasço Manhã*  
*Ando onde há espaço:*  
*- Meu tempo é quando.*

(POÉTICA, VINICIUS DE MORAES, 1950)

De modo a construirmos um arcabouço que nos proporcionasse fundamentos para analisarmos o objeto investigado, fez-se necessário compreendermos primeiramente o ser e o tempo inerentes do universo poético. Para tanto, buscamos os aportes de (MOISÉS 1977) que apresentaremos a seguir.

Moisés no seu livro *A criação poética* (1977) discorre acerca das especificidades do universo poético, apresentando o tempo e ser que vive neste espaço, chamado texto poético, além de outros aspectos (o enredo, o espaço, a emoção e o pensamento e outros)<sup>15</sup> referente ao fenômeno poético, mas por conta da delimitação do nosso objeto de estudo não os abrangeremos neste trabalho.

Acerca do tempo, Moisés ( 1977), apresenta o tempo como uma categoria relevante do fenômeno poético, todavia, o tempo que este autor examina não se refere o histórico tampouco ao tema tempo presente em alguns textos, mas um tempo que acontece no universo poético, segundo o autor ele objetivou-se “examinar o tempo como substância da poesia (ou/e do poema), o tempo *da* poesia (ou/ *do* poema) o tempo no qual a poesia transcorre[...] o tempo como um dos ingredientes essenciais do *ser* da poesia” (MOISÉS, 1977, p.60)

Conforme o autor, este tempo se difere das outras dimensões de tempo, pois está em uma quarta dimensão que na sua totalidade não se confunde com as demais. As outras

<sup>13</sup> Forma poéticas muito próximas do verso livre dos salmos bíblicos.

<http://educaçao.uol.com.br/biografias/paulclaudel.htm>.

<sup>14</sup> Orfeu da Conceição é uma adaptação em forma de peça musical do mito grego de Orfeu e Eurídice.

<sup>15</sup> Ver sobre a relação destes com o fenômeno poético respectivamente no capítulo 6, 7 e 8 *in* Moisés, Massaud. *A criação Poética*. Melhoramentos da ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

dimensões que Moisés (1977) cita como divergentes desde que ele se preocupou em estudar são: 1º) o tempo marcado pelo relógio e pelo calendário (tempo cronológico ou histórico) 2º) o tempo da duração, que flui na mente humana (tempo psicológico) 3º) o tempo situado fora da História e da Consciência, que se situa num espaço metafísico ou mítico. No entanto, o referido autor ressalta que o tempo da poesia estabelece um parentesco com estas outras dimensões conforme uma escala de valor que inicia no histórico e finaliza no mítico.

Dessa forma percebemos que para Moisés o tempo da poesia nada tem a ver com tempo cronológico, pois segundo ele [...]a poesia é a-histórica, a-atemporal, na medida em que se move num tempo que não pode ser medido pela História[...] (MOISÉS,1977, p.61). Ou seja, o tempo poético acontece num momento específico da poesia (ou/e poema) independentemente do momento histórico que foi escrito ou que ele é lido, neste sentido o tempo da poesia permanece sempre eterno, pois conforme Moisés durante a leitura de um poema:

[...]ingressamos na correnteza de um tempo que escorre aos nossos olhos, não um tempo referido, mas dinâmico, ‘real’, uma espécie de presente eterno exposto à nossa efemeridade. Cumpre-se, no poema, um tempo imanente à palavra, desconhecido ao ritmo do calendário, da duração interior e do mito. Dotado de padrão próprio, o tempo da poesia se ordena como o tempo da enunciação, no ato de produzir os sons das palavras, numa continuidade inapreensível por qualquer instrumento mecânico: a contagem das sílabas, a indicação das censuras e pausas, a esquematização das rimas, a marcação da cadência, etc., fornecem dados externos, que não podem ser confundidos com o tempo. (MOISÉS,1977, p.63)

Assim o tempo da poesia (ou/e do poema) se eterniza num presente contínuo pois se encontra na palavra impressa e neste universo o tempo se concretiza para a nossa consciência, adquire “materialidade” diversa das três outras dimensões (MOISÉS, 1977).

Conforme nestes pressupostos, compreendemos que o tempo da poesia está numa continuidade que liga ao passado e ao futuro num plano que contradiz as possibilidades do real, está eterno num presente dual que unifica os “tempos” no próprio ato da enunciação e percepção daquele que ler a poesia; por isso Moisés ressaltava que o tempo da poesia acontece na relação texto -leitor.

Sobre o “eu” que está inserido no tempo do universo poético, segundo o referido autor várias indagações são relacionadas a este ser poético: Qual a voz que fala no poema? Que ‘eu’ é esse que se pronuncia através das palavras impressas no texto poético? Do autor? Do autor-civil? Do autor-poeta? De quem realmente será?

Iniciamos a busca para entender as respostas para essas indagações a partir da seguinte citação de (Moisés 1977).

No instante em que o escritor-poeta aspira a ‘traduzir’ em palavras os conteúdos de sua imaginação, a semelhança parece completa. Com efeito, ao alinhar na brancura do papel uma sucessão de versos ou períodos, o poeta está cedendo a outrem a direção do ato criador. Podia-se indagar se já antes não processara a transferência criadora, vale dizer, nos labirintos do escritor-poeta não se operará um distanciamento que apenas se revela no transcurso da criação? Sem com isso levantar os problemas relacionados com a psicologia da criação, não parece desavisado admitir uma relativa cissiparidade entre o poeta-cidadão, civilmente sujeito a leis e normas de comportamento, e o poeta-criador, apenas condicionado às regras do jogo estético. (MOISÉS, 1977, p.47).

Com base na citação acima, entendemos que embora aparentemente seja um “ser”, o escritor- poeta que almeja transfigurar sua imaginação em palavras, ao ponto que se constrói o corpo do poema o ato criador é cedido a outro “ser” que conhece este universo do poema. Deste modo, o autor aponta que o fenômeno da criação poética pode evidenciar as diferenças do poeta - componente de uma sociedade - e do poeta - agente criador de um universo “particular”. Todavia, ainda não é possível obtermos respostas para indagações acerca do “ser que fala no poema”, aliás, surge questões ainda maiores: será que existem dois “seres”, dois “eu” no ato da criação poética? Sendo assim, a cada criação de um poema surge um novo “ser” um novo “eu”?

Moisés (1977, p.49) discorre que na obra do poeta, [...]os vários textos – os poemas – que elabora ressoam uma única voz, um único Narrador. Por mais diferenças que se possam encontrar [...] não distinguimos senão uma voz, que não é a do poeta-homem-civil, mas do poeta latente na dualidade primordial”. Percebemos então que não surge um novo “eu”, um novo “ser” em cada novo poema, e que este ser do universo poético não é a voz do poeta que é cidadão conhecedor dos direitos, deveres e das leis que jugam o certo e o errado, mas uma voz que surge à medida que o poema é criado, independente do tema no qual se insere este poema.

Moisés (1977) ressalta que podemos inferir que na medida em que o poeta se distancia das restrições do homem-civil.

[...] a voz do poema equivale à do poeta. Embora que a voz do poeta é pelo menos, um ‘eu’ contíguo do ‘eu social’, podemos supor que a voz do poema seja igualmente um ‘eu’, agora insulado, livre de qualquer sujeição à origem, incluindo o ‘eu do poeta’. Esse ‘eu’ do poema também chamado de ‘eu lírico’, ‘eu poético’, ‘eu fictício’, ‘sujeito-de-enunciação’ [...]. (MOISÉS, 1977, p.50).

Neste sentido, este autor apresenta argumentos que nos sugere acreditar que a voz do poema de fato, pode ser igualado a um “eu”, a um “ser” responsável pela enunciação do poema, bem como por desvendar, ou pelo menos apresentar o universo poético.

Este ser do universo poético, para o poeta, é como se fosse um reflexo de si, mas diferente de si enquanto poeta-homem-civil como aponta Moisés:

O ‘eu do poeta’ se vale do poema para *ver-se*, ver-se como um outro ‘eu’ que ali, no poema, adota a postura que ele, ‘eu do poeta’, ostentaria se pudesse, - a de guiar a ação criadora do poema: o poema é diferença entre o ‘eu do poeta’ e o ‘eu lírico’, pois a sua corporeidade pertence antes ao ‘eu poético’ que ao ‘eu do poeta’. [...]. Num autêntico jogo de espelho, o ‘eu do poeta’ contempla-se num texto que, apesar de edificado com a sua matéria orgânica, parece fruto de um demiurgo cuja exclusiva missão fosse revelar o ‘eu do poeta’ a si próprio. (MOISÉS, 1977, p.50-51).

Visto isto, deduzimos que este “eu” do universo poético, logo “eu poético” o qual enuncia por meio do “eu lírico” (a voz que sai do poema) é um “ser” que se equivale ao “eu do poeta” (sua subjetividade, consciência, inteligência e sensibilidade) porém existe somente nesse espaço imaginário-poético dos textos escritos que o poeta produziu. Este “ser” é uma espécie de um “eu” que poeta o refletido no espelho da página na qual o poema que ele criou está, todavia é uma imagem dele, do poeta, própria do universo poético.

A indagação a qual ainda se perdura é se de fato este “ser” existe, ou se é uma mera criação do “eu do poeta” (seu consciente). Acerca disto Moisés infere:

Quer-me parecer que a voz é real enquanto sujeito-de-enunciação, ou seja, um ‘eu’ empiricamente detectável, a manifestar-se por meio da expressão poética, e real também na medida em que possui as características do “eu” como o entende a Psicologia. E fictícia naquilo em que ostenta qualidade de *uma pessoa vivente, sem ser*, ou em que pertence ao mundo imaginário, inventado, suposto: não só a ‘vivência’ participaria do plano da invenção, mas o próprio ‘eu’ que a experimenta. (MOISÉS, 1977, p.51 grifos do autor).

Desde modo, podemos entender, com bases nos aportes de Moisés (1977) que o “ser” que vive no universo poético é fictício, à medida que este universo é imaginário, mas sua voz é real ao ponto que ele possui características de um ser (entendido pela Psicologia), enquanto sujeito agente da enunciação, ou seja, o “ser” o “eu” que enuncia o texto poético. Este “eu poético” define-se então como “[...] um ‘eu’ que se auto- expressa para se conhecer e para se comunicar ao leitor. [...] que fala em seu próprio nome, embora pretenda ser universalmente ouvida e, quiçá, espelhar o sentimento vago e incômodo que agita o leitor de poesia. (MOISÉS, 1977, p.58).

Compreendemos que o tempo no universo poético se eterniza no momento no qual o sujeito presente neste universo, por meio do “eu lírico”, enuncia a poesia. E este ser apesar dele ser imaginário, torna-se real no momento que se relaciona com o leitor no ato desta

enunciação. Apesar deste “eu” presente no poema ser um reflexo do “eu do poeta” ele é um ser diferente que “vive” na moradia dos versos do poema e dá-se voz para se conhecer e se comunicar com aquele que lê a poesia.

No tópico a seguir abordaremos a análise da pesquisa.

#### 4. ANÁLISES DO CORPUS

“[...]  
Chega mais perto e contempla as palavras  
Cada uma  
Tem mil faces secretas sob a face neutra  
E te pergunta, sem interesse pela resposta,  
Pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?  
[...]”

*(A procura da poesia In Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: 1980. Literatura Comentada)*

Antes de fazermos as análises das poesias percebemos a relevância de entendermos o meio pelo qual essas poesias foram expressas, neste caso, referimos ao poema, e mais especificamente o soneto. O que é o poema, e como são suas formas? Essas e outras inquietações, bem como informações, responderemos a seguir.

O poema é considerado um gênero textual que pode apresentar sua escrita de duas formas: de forma fixas aos moldes tradicionais, por exemplo, soneto, balada, vilancetes, endechas, sonatas, cantatas, entre outros. E outros de formas mais livres que apresentam os versos livres, também chamados irregulares ou heterométricos, são aqueles que não seguem um padrão de métrica definido, ou seja, não obedecem às formas fixas.

No Brasil observamos com mais evidência a divulgação de poemas deste último estilo a partir das vanguardas modernas, e principalmente depois da semana da Arte Moderna<sup>16</sup> de 1922, os poemas concretos<sup>17</sup>, por exemplo. Assim, o poeta atualmente tem um leque de possibilidades de se expressar, dependendo do estilo que o mesmo costuma escrever. Mas para Vinicius, sua recorrência é o soneto, segundo Bosi (1988) ele pertenceu a um período denominado “geração de 45” cujos poetas apresentaram em comum, exatamente “[...] apenas o pendor para certa dicção nobre e a volta, nem sempre sistemática, a metros e a formas fixas de

<sup>16</sup> Semana de Arte Moderna ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, tendo como objetivo mostrar as novas tendências artísticas que já vigorava na Europa.

<sup>17</sup> É um tipo de poesia vanguardista, de caráter experimental, basicamente visual, que procura estruturar o texto poético escrito a partir do espaço do seu suporte, sendo ele a página de um livro ou não, buscando a superação do verso como unidade rítmico-formal.

cunho clássico: sôneto, ode, elegia” (BOSI,1988, p.489). Eis um dos motivos pelos quais resolvemos selecionar dois de seus sonetos, o *soneto de amor total* e o *soneto de devoção*.

Outro detalhe de importância, neste estudo, são as recorrências e/ou o uso de pontuação, que durante a produção dos textos modernos, são prescindíveis ou imprescindíveis, ou seja, há os poetas que buscam um ritmo pela ausência e/ou presença da pontuação. Essa nos demonstra o ritmo do poema que pode ser observado nas duas formas dos sonetos selecionados para objetos de pesquisa deste texto. As formas fixas e livres.

A respeito deste Elias José (2003, p 25) afirma que [...] o poema é mais as formas de dispor as palavras, isto é, a estrutura do texto em versos, estrofes ou versos livremente. Há autores que montam seu texto em prosa, em outras palavras, em textos corridos não fazendo poema [...]. Neste caso, podemos ter ainda, as prosas-poéticas, que também são recorrentes na poética da modernidade. Em outras palavras, o soneto, em sua forma tradicional é característico e é uma das formas prediletas do poeta Vinicius. Pois, ao longo de sua trajetória, observamos estas produções mais marcantes, ainda que, tenha produções infantis e textos dramáticos. É importante destacar sua participação no cenário da música popular brasileira, no qual ele se destaca com as produções poéticas articuladas à música. Formatando um profundo valor à tipologia, poesia e canção.

Segundo Antônio Candido (1998, p. 65), “[...] a poesia é síntese, e como síntese, resume-se o que muitos autores diriam em prosa, facilitando assim a leitura compacta, o que demanda leituras breves e rápidas, o que possibilita o conhecimento mais rápido e de maior reflexão, posto que ela, a poesia se completa com conhecimento linguística e extralinguística do leitor” em outras palavras, a poesia no poema permite leituras mais rápidas, e a reflexão de seu conhecimento é realizado de duas formas tanto linguísticos quanto extralinguísticos.

#### **4.1 O que é o soneto**

Os poemas analisados nesta pesquisa são denominados sonetos, pois possuem formas fixas por ser estruturado por dois quartetos (estrofes de quatro versos) e dois tercetos (estrofe com três versos). A palavra soneto, de acordo com Ferraz (2009) vem do italiano e significa “pequeno som” ou “canção”.

Esta forma poética clássica e fixa, com catorze versos dispostos em dois quartetos e dois tercetos, possivelmente estabelecida pelo poeta italiano Francesco Petrarca<sup>18</sup>, no século XIII. Muitos veem o soneto como uma forma perfeita para a construção do pensamento lógico-dialético, pois vários deles são formados por uma espécie de apresentação ou exórdio, desenvolvimento por antítese e uma conclusão, ou arremate sintético (FERRAZ, 2009).

Na composição do soneto moderno, português e brasileiro, os versos mais comuns são os decassílabos e alexandrinos. Ou seja, os sonetos decassílabos são que possuem dez sílabas poéticas. As tentativas feitas com os de três, seis, sete e oito sílabas não oferecem, em geral, a graça desejável; reduzem-se a meros caprichos métricos, assim como o soneto, com prosódia dialetal, que se segue, do poeta mineiro Bento Ernesto Júnior<sup>19</sup>, em versos de uma sílaba. Filho (1961) no seu ensaio acerca do soneto discorre que com o tempo esta forma fixa de poema começou a ser utilizada com mais liberdade por isso diversos autores começam a cultivá-lo com bastante frequência.

Os sonetos analisados nesta pesquisa, além das rimas e da musicalidade apresentam metricamente os versos decassílabos, já citado anteriormente, assim como os sonetos de tipologia portuguesa por exemplo, os sonetos camonianos. Além desta estrutura, os sonetos vinicianos comparam-se ao estilo português também pelas escolhas dos assuntos elencados em sua poética, por isso, que podemos dizer que Vinicius era além de um poeta moderno, um sonetólogo clássico.

## 4.2 Análises dos sonetos

### SONETO DE DEVOÇÃO

Essa mulher que se arremessa, fria A  
E lúbrica aos meus braços, e nos seios B  
Me arrebatada e me beija e balbucia A  
Versos, votos de amor e nomes feios. B

Essa mulher, flor de melancolia A  
Que se ri dos meus pálidos receios B  
A única entre todas a quem dei C

<sup>18</sup> Francesco Petrarca foi escritor, humanista e poeta italiano do século XIV, considerado por muitos estudiosos o criador do Humanismo, também considerado um importante representante do Classicismo europeu. <http://m.suapesquisa.com/quemfoi/petrarca.htm>

<sup>19</sup> Bento Ernesto Júnior nasceu na cidade de Itaperica, Minas, em 1866. Inspetor do Ensino em Minas e Membro do Conselho Superior de Instrução. Autor de Frondes e Átomos; Amor do Bem e Terra Prometida.

Os carinhos que nunca a outra daria. A

Essa mulher que a cada amor proclama D  
A miséria e grandeza de quem ama D  
E guarda a marca dos meus dentes nela. E

Essa mulher é um mundo! – Uma cadela E  
Talvez... – mas na moldura de uma cama D  
Nunca mulher nenhuma foi tão bela! E

No que se refere à forma e estrutura trata-se de um soneto, pois tem dois quartetos (estrofe de quatro versos) e dois tercetos (estrofe de três versos) a forma escolhida pelo autor de suas rimas são abab na primeira estrofe, abca na segunda estrofe, dde na terceira estrofe e ede na quarta.

**a) Análise do soneto de devoção.**

1ª estrofe

**Essa mulher que se arremessa**, fria  
E **lúbrica** aos meus braços, e nos seios  
Me arrebatada e me beija e **balbucia**  
**Versos, votos de amor e nomes feios.**

2ª estrofe

**Essa mulher**, flor de melancolia  
**Que se ri dos meus pálidos receios**  
**A única entre todas** a quem dei  
Os carinhos que nunca a outra daria

Observamos, nas estrofes acima (grifos nosso), que inicialmente o autor descreve a mulher cuja personalidade marcante e inesquecível merece a devoção do eu-poético. Esta mulher do soneto evidencia o erotismo de uma mulher arrebatadora - sedutora, sensual e experiente – uma mulher que não guardava pudor conforme se observa (versos 1-2), “*se arremessa, fria e lúbrica* (Refere-se aqui a sensual), e provocantemente devassa, “*balbucia* (Sussurra) *versos, votos de amor e nomes feios*” (versos 3-4) (grifos e acréscimos nosso).

A forte atração carnal que a amada provocava sobre ele, o que talvez a priori, lhe causara desconforto, desconstruía certos preceitos<sup>20</sup> seus sobre mulher e relacionamento. E ela em sua superioridade com sua grandeza ria destes seus “*pálidos receios*” (verso 6) conforme se

<sup>20</sup> Vinicius nasceu no seio de uma família católica

ver na 2ª estrofe. A devoção do poeta pela musa do soneto, este sentimento vassalo evidencia-se mais fortemente nos versos 3 e 4 desta estrofe, “*A única entre todas a quem dei / Os carinhos que nunca a outra daria*”.

Esta grandeza feminina caracterizada pela sedução irresistível da mulher quase que inatingível, marcante na poesia de Vinícius, evidencia uma característica diferencial do poeta comparado aos demais modernistas de sua época, um forte traço dos poetas românticos, o desejo por uma mulher, que ao seu ver, é superior a ele de alguma forma. Conforme Ferraz<sup>21</sup> (2009), Vinícius de Moraes é um dos poucos poetas que conservou na modernidade toda a força da grande tradição lírica da Língua Portuguesa. Segundo este autor, Vinícius era um escritor moderno e romântico; um romântico moderno ou vice-versa (FERRAZ, 2009).

### 3ª Estrofe

**Essa mulher que a cada amor proclama  
A miséria e grandeza de quem ama  
E guarda a marca dos meus dentes nela.**

### 4ª Estrofe

**Essa mulher é um mundo! – Uma cadela  
Talvez... – mas na moldura de uma cama  
Nunca mulher nenhuma foi tão bela!**

A musa inspiradora deste soneto, mostra-se por meio da descrição apaixonada e ao mesmo tempo insatisfeita do eu-lírico, ser uma mulher a qual não é submissa a nenhum homem em especial, “*essa mulher é um mundo!*” (Verso 12), mas na intimidade sexual a cada homem entrega-se inteiramente apaixonada sem vergonhas ou restrições, que exalta e inferioriza aquele que a ama “*essa mulher que a cada amor proclama/ A miséria e a grandeza de quem ama*” (versos 9-10) indivíduo que merece a comparação de “*uma cadela*” (verso 12) – no cio, por exemplo.

Nesta perspectiva na qual a mulher é concebida naturalmente como um ser fatal, que provoca amor e ódio, vida e morte, Baudelaire (1995) sobre a mulher diz que: [...]deve,

---

<sup>21</sup> **Eucanaã Ferraz** é professor de literatura brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenador editorial da Coleção Vinicius de Moraes e poeta, tendo publicado, Martelo (1997), Desassombro (2002, prêmio Alphonsus Guimarães, da Fundação Biblioteca Nacional), Rua do mundo (2002), Cinemateca (2008) e Poemas da Iara (2008). Também é organizador, entre outros, dos livros Letra só, de Caetano Veloso (2003) e Poemas esparsos, de Vinicius de Moraes (2003). (Informações fornecida pelo autor in CADERNO DE LEITURAS VINICIUS DE MORAIS, 2009).

pois, nos causar repulsa. A mulher tem fome e quer comer, tem sede e quer beber. No cio, quer ser comida. Que glória! A mulher é natural, isto é, abominável. Por isso mesmo ela é sempre vulgar”. (BAUDELAIRE, 1995, p.525).

Todavia, aos olhos do seu vassalo confesso a mais bela já contemplada por ele no exercício da cama “*na moldura de uma cama/ Nunca mulher nenhuma foi tão bela*” (versos 13-14). Demonstrando seus traços românticos, e acerca destes traços Ferraz (2009) discorre ao falar sobre o perfil do poeta romântico:

Amar dói, não amar dói ainda mais. Amar é necessariamente sofrer, mas o sofrimento enobrece o amante. Porque o poeta romântico não ama somente a mulher a quem destina os poemas; ama também o próprio amor e, não se pode esquecer, ama ainda a si mesmo como amante que sofre. (FERRAZ, 2009, p.13).

Neste sentido, digamos que Vinícius era, não somente um poeta moderno por sua genialidade ao unir o clássico, lírico ao cotidiano e ao popular, mais um neo-romântico dos tempos modernos; um escritor ama (dor), explicaremos: além de um poeta que exercia o amor (ou uma face dele a paixão), hora na vida outrora na poesia, ou simplesmente na sua vida-poesia, Vinícius era um poeta amante do amor, da mulher e das dores de amar, e nesta analogia [ama] + [dor] sintetizamos que o “poetinha” era acima de tudo um amante das peculiaridades tormentosas do ato de amar, um sentimento “*in-consciente* romântico”, não puramente melancólico, mas, simplesmente inerente a sua inter-relação dos desejos, da admiração e exaltação da beleza feminina. Percebemos que para Vinícius a grandeza de uma mulher bela só não era tão grande quanto seu amor por ela.

#### SONETO DE AMOR TOTAL

Amo-te tanto meu amor... não cante A  
O humano coração com mais verdade. B  
Amo-te como amigo e como amante A  
Numa sempre diversa realidade B

Amo-te afim, de um calmo amor prestante, A  
E te amo além, presente na saudade. B  
Amo-te, enfim, com grande liberdade B  
Dentro da eternidade e a cada instante. A

Amo-te como um bicho, simplesmente, C  
De um amor sem mistério e sem virtude D  
Com um desejo maciço e permanente C

E de te amar assim muito e amiúde, D  
 É que um dia em teu corpo de repente C  
 Hei de morrer de amar mais do que pude. D

No que se refere à a forma das rimas escolhida pelo autor neste soneto são abab na primeira estrofe, abba na segunda estrofe, cdc na terceira estrofe e dcd na quarta.

**b) Análise do soneto de amor total.**

1ª estrofe

Amo-te tanto meu amor... não cante  
 O humano coração com mais verdade...  
**Amo-te como amigo e como amante**  
**Numa sempre diversa realidade**

2ª estrofe

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,  
 E te amo além, presente na saudade.  
**Amo-te, enfim, com grande liberdade**  
**Dentro da eternidade e a cada instante.**

O soneto apresenta “um amor total”, que segundo o eu-poético do soneto é um amor puro e verdadeiro, adverso a realidade, talvez não que seja um amor irreal, mas um amor que não se moldura aos casos de infidelidade constantemente observado, que está para os dias tempestuosos como também para os dias de gozos, e que segundo ele nenhum outro coração canta um sentimento semelhante a este. Como se observa na primeira e segunda estrofe.

3ª Estrofe

**Amo-te como um bicho, simplesmente,**  
 De um amor sem mistério e sem virtude  
 Com **um desejo maciço e permanente**

4ª Estrofe

E de te amar assim muito e amiúde,  
 É que um dia em teu corpo de repente  
**Hei de morrer de amar mais do que pude.**

Como podemos observar neste soneto, o eu-poético não descreve exatamente a mulher a qual inspira e respira seus cálidos desejos, todavia, inferimos uma personalidade de uma mulher naturalmente sedutora, visto que mesmo sem sabermos se ela é atirada como aquela

do poema analisado anteriormente, esta provoca ao seu parceiro uma atração tão forte e contínua, porém, simples como um “instinto animal”, “*amo-te como um bicho, simplesmente [...] com um desejo maciço e permanente*” (versos 12 e 14). Notemos ainda, que assim como na análise do soneto anterior, revela-se na poesia um sentimento de subordinação por este ser inerentemente sedutor, que lhe dá sentido à vida, mas que lhe pode causar a “morte”. O contexto dual - poético e real - de Vinicius, permiti-nos significar esta palavra não como o término de um estado físico, mas como a possibilidade do fim de uma vida de vários amores, e o início de uma eternidade de um amor total.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa entendemos que talvez Vinicius de Moraes exaltou, descreveu, e conheceu a toda essência captável da mulher, mais que qualquer outro autor, mais que qualquer feminista ou mulher. Isso por que Vinicius buscava a aura feminina, a grandeza explícita e implícita de cada uma, com uma intimidade e com uma propriedade.

Verificamos também que o “eu-poético” dos poemas de Vinicius, enquanto reflexo do “eu do poeta” Vinicius, carrega exageradamente semelhanças deste poeta moderno-romântico (ou romântico-moderno ou ainda neo-romântico do período moderno) no que diz respeito ao fascínio, ao desejo incontrolável pelo ser feminino, assim como o amor pelo sentimento dual- de vassalagem e repulsa -pelas peculiaridades da mulher amada. Porém, este “eu” do universo poético é uma imagem que o “eu do poeta” gostaria de ser, mas os defeitos do poeta e seu contexto lhe impedia de ser, como foi observado nas considerações da vida do autor apresentadas, este escritor vivia por viajar e conhecer diversas pessoas, inclusive diversas mulheres que lhe atraía.

Neste sentido, se na vida real Vinicius passava por muitos desencontros, por consequências de novos encontros que aquela lhe proporcionava, o que lhe rendeu 9 (nove) casamentos e outras aventuras, no universo poético o sentimento de amor gerado pelo ápice do sentimento da paixão de cada relacionamento (seja ele real ou fantasioso) se eterniza num contínuo reencontro, uma vez, como compreendemos com os aportes apresentados acerca do fenômeno poético, o tempo na poesia não se limita ao tempo cronológico marcado pelas horas, dias mês etc., mas num tempo próprio da poesia, presente e futuro do ato da enunciação do “eu poético” no processo de interação poema-leitor.

Deste modo, embora o “eu do poeta” quisesse amar eternamente a musa de sua paixão, as influências do tempo cronológico, o seu contexto, e até as próprias características do poeta, seus deslumbramentos pelas mulheres lhe impedia de estar somente com uma. No entanto, o “eu poético” de seus poemas expressa uma paixão e um amor para a vida inteira, que se renova a cada vez que um leitor ao passar os olhos sobre os versos escritos no papel, permite que este “sujeito” inerente dos poemas de Vinicius de Moraes enuncie e declame a paixão e o amor que ele sente por suas musas eternamente.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário. Aspecto da Literatura Brasileira. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia, 2002.
- AMARAL, Emília novas palavras, português, volume único: livro do professor/. (et . al) 2º edição FTD,2003.
- BAUDELAIRE, Charles. Meu coração a nu. Trad. Fernando Guerreiro. In: \_\_\_\_\_. Poesia e prosa. Edição organizada por Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.
- CÂNDIDO, Antônio. Formação da Literatura e Sociedade, São Paulo edição Nacional:1998.
- FARIA, Miguel Júnior (dir Vinicius [DVD-ROM].101 Filmes, 2005.
- FARIA, Olavo de “transfiguração da montanha “IN: MORAES, Vinicius de. Poesia Completa e Prosa, Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1998.
- FERRAZ, Eucanaã. Caderno de leituras Vinicius de morais, Martelo editorial da Coleção Vinicius de Moraes (1997).
- HIBARINO, Denise Akemi. “pela luz dos olhos meus, pela luz dos olhos teus”: a representação feminina na poesia do sublime de Vinicius de Moraes. (Mestrado). Curitiba, 2004. Disponível em<<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24522/D%20...:jsessionid=5587A04CF3995661ED8A395790739ABE?sequence=1> acesso em 20 de maio. 2016.
- JOSÉ, Elias: a poesia pede passagem, um guia para levar poesia para as escolas. São Paulo. Paulus, 2003.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do Trabalho científico: São Paulo: Editora Atlas, 2003. 5ª ed.
- MOISES, Massaud. *A criação poética* São Paulo. Melhoramentos. Ed. Da Universidade de São Paulo. 1928.
- MORAES, Susana. Vinicius de Moraes. Disponível em: <www.viniciusdemoraes.com>. Acesso em janeiro de 2016.
- MORAES, Vinicius de antologia poética: Rio de Janeiro: A Noite; 1957.
- SILVA, Késia André da, a sensualidade feminina nos poemas de Vinicius de Moraes, Késia André da Silva - Guarabira, UEPB, 2010.Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1421/1/PDF%20%20K%C3%A9zia%20Andr%C3%A9%20da%20Silva.pdf>> Acesso em 2 de maio. 2016

VALEKOVÁ, Martina. A análise da paixão na vida e obra de Vinicius de Moraes. Artigo publicado em 2010.